MÁQUINA cohn&wolfe

abcdt Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplante

RELATÓRIO DE ATIVIDADES PARCIAL

"Nova tabela de frete pode inviabilizar tratamento renal”

Clipping – Nova tabela de frete

O GLOBO:

O GLOBO

Prefeitura não repassa verba para clí nicas vinculadas ao SUS e pacientes sofrem

Município deve R$ 14,6 milhões a 44 clínicas; unidade alega estar comprando materiais mais baratos

O paciente Francisco Alberto de Oliveira, que agora passa duas horas a mais nas sessões de hemodálise porque a agulha, que foi sem reserva, repassou do município: alega estar sendo obrigado a comprar material mais barato - Antonio Scorza / Agência O Globo

FERNANDA ROSE

RIO — O aposentado Francisco Alberto de Oliveira, de 50 anos, morador de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, tem aneurismas no antebraço esquerdo, estoques do tamanho de uma bola de golfe. Consequências de 26 anos de sessões de hemodálise, por ser portador de infecção renal crônica. O sofrimento de Francisco está sendo ainda maior no último ano. Foi quando a Nefrodin, clínica onde faz o procedimento, em São Cristóvão, na Zona Norte, teve que passar a comprar material de segunda linha, devido à falta de repasses da prefeitura por serviços prestados pelo SUS.

LEIA MAIS: Parte da verba que deveria ser recebida pela ABBR foi destinada pela prefeitura para duas outras clínicas

Prefeitura realiza pagamento de verbas atrasadas da ABBR

A agulha de fístula, de calibre 16 milímetros, que passou a ser usada para fazer as punções, por exemplo, não tem o mesmo corte de uma fornecida de primeira.

— Quando a agulha é mais grossa, entra rasgando no braço, porque não tem corte. Venho da Zona Oeste, porque a clínica é boa. Mas a situação está muito séria. Os governantes têm que olhar mais por nós, não podem brincar com nossa saúde — desabafa Francisco.

> *"'Já estou devendo dinheiro ao banco. É muito difícil trabalhar direito no país'"*
>
> CARMEN VILLARINO
> Nefrologista, para o que a clínica não tem mais repasse do SUS há 20 dias

O dialisador, filtro utilizado nas máquinas de hemodálise, agora também é de marca mais barata. Custa R$ 40, ao invés de R$ 70, mas tem performance de filtragem inferior, o que faz com que o procedimento demore seis horas, duas a mais que o normal, em pacientes com casos mais complexos.

— Sinto um gosto ruim na boca, mal-estar e tontura, principalmente entre as sessões de sábado e de terça-feira, quando o intervalo entre uma e outra é maior — afirma o escriquista aposentado Vinícius Nunes, de 56 anos, que faz hemodálise também às quintas-feiras.

A nefrologista Carmen Villarino, sócia diretora da Nefrodin, confirma que está sendo obrigada a usar materiais mais baratos e diz que os sintomas sentidos por Vinícius seriam minimizados com o uso de dialisador de alta performance.

— O material que usamos é todo importado. Com a alta do dólar, os preços dispararam. Estamos tendo que comprar produtos de segunda linha — diz Carmen.

> *"'É criminoso o que o município está fazendo, causando sofrimento à população. Que apertem o orçamento em outra área'"*
>
> NELSON NAHON
> Presidente do Cremerj

A clínica dela é uma das 46 que foram prejudicadas pela falta de repasses da prefeitura, que, ao todo, somam R$ 29 milhões. Somente à Nefrodin o município deve R$ 1,2 milhão, referentes aos serviços de outubro, novembro e dezembro, que não foram pagos. Por mês, a clínica faz cerca de 2.000 sessões de hemodálise, e atende 255 pacientes, com idades entre 17 e 70 anos, todos pelo SUS.

— Já estou devendo R$ 250 mil ao banco para não atrasar o pagamento dos funcionários, sem comprometer ainda mais a qualidade do serviço. É muito difícil trabalhar direito no país — lamenta Carmen, que desligou o ar-condicionado da área administrativa para tentar economizar na conta de luz.

O presidente do Cremerj, Nelson Nahon, disse que a entidade vai demandar a prefeitura ao Ministério Público ainda esta semana:

— Queremos que sejam tomadas providências enérgicas para que devolvam o dinheiro da saúde. É criminoso o que o município está fazendo, causando sofrimento à população. Que apertem o orçamento em outra área.

Na Clínica Gamen, no Engenho de Dentro, a situação só não é a mesma porque 40% dos 4.500 procedimentos de hemodálise mensais, em 384 pacientes, são por convênio. Com cerca de R$ 2 milhões a receber da prefeitura, por serviços prestados nos três últimos anos de 2017, a unidade pede material emprestado a clínicas parceiras quando não há verba para realizar o estoque.

— Estamos funcionando no limite. Se não recebermos o dinheiro referente a este ano, não teremos condições de atender em outubro. Temos 34 anos e nunca passamos por crise deste porte. E não vemos sensibilidade no prefeito — diz Felipe Mendes, diretor da Gamen.

VEJA: Após fiscalizar hospitais municipais do Rio, médicos do Cremerj definem situação como crítica

Secretário-executivo da Associação Brasileira de Centros de Diálise e Transplante, Carlos Pinho afirma que reunirá documentação para entrar com ação contra a prefeitura na Defensoria Pública da União, semana que vem.

— O dinheiro é repassado à prefeitura com a regularidade exercida pelo governo federal. Isso é apropriação indébita. Os pacientes estão sendo punidos por má gestão, irresponsabilidade e inacessibilidade do poder público.

SECRETARIA: SOLUÇÃO SÓ 'EM TEMPO OPORTUNO'

Em nota, a Secretaria municipal de Saúde afirmou apenas que "os valores serão repassados para todas as unidades em tempo oportuno, conforme a disponibilidade financeira e orçamentária do Tesouro do município".

Após protesto de servidores, a prefeitura repassou à Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), R$ 1,5 milhão atrasados desde 2017. Também repassou R$ 3 milhões ao Hospital Mário Kroeff, que atende pacientes com câncer. Agora, a dívida com 44 clínicas é de R$ 14,6 milhões.

Semana passada, quando os funcionários da ABBR foram de casa do Jardim Botânico e a crise ficou evidente, descobriu-se também que a prefeitura deixou de repassar às unidades da saúde verbas de emendas aprovadas por deputados federais.

Somente a ABBR, sócio do R$ 1,5 milhão, tem a receber R$ 3,2 milhões de emendas parlamentares. Após o ato, a prefeitura se comprometeu a pagar o valor das emendas em 24 parcelas. A primeira, de R$ 650 mil, este mês. As demais, de R$ 200 mil cada, nos meses seguintes.

NOTÍCIAS EM BRASÍLIA:

LEIA

NOVA TABELA DE FRETE PODE INVIABILIZAR TRATAMENTO RENAL EM BRASÍLIA

postado por Notícias em Brasília 13/09/2018 0 Visualizações

Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste reúnem 40% dos pacientes brasileiros que precisam do tratamento para sobreviver e devem ficar desabastecidas

Em maio deste ano, o bloqueio das estradas por grevistas colocou em risco a vida de milhares de pacientes renais em tratamento. O mais recente censo da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) indica que mais de 700 clínicas realizam diálise no Brasil. As clínicas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste atendem 40% dos pacientes com doença renal crônica do país. Para abastecê-las semanalmente é necessária complexa logística para garantir o tratamento de mais de 120 mil pessoas portadoras de doença renal, que recebem a medicação de três a seis vezes por semana.

Mesmo após o fim da greve, a possível sanção da medida provisória que regulamenta a tabela mínima de frete pode tornar inviável a distribuição dos medicamentos de diálise. Os insumos

e Transplante (ABCDT), a elevação de custos para as unidades de diálise contribuirá somente

POLÍTICA ECONOMIA CONCURSOS SAÚDE TRANSPORTE EDUCA

Regulação do Mercado de Medicamentos, da Anvisa, o preço médio de um galão de cinco litros de concentrado usado em sessões de hemodiálise é de R$ 10,07, enquanto o valor do frete para municípios de Norte, Nordeste e Centro-Oeste chega a R$ 14.

"A maior preocupação está ligada à menor oferta de tratamento à população. As consequências são muitas. Milhares de brasileiros estão sem acesso à diálise peritoneal – tratamento feito através de cateter flexível no abdômen –, pois os valores pagos às clínicas e às indústrias, com um único aumento em quase 15 anos, estão levando, praticamente, à extinção da terapia."

Dos quatro fabricantes de concentrado para hemodiálise existentes no país, três estão no Sul e Sudeste. A distância em relação ao Norte e Nordeste contribui para que o transporte do produto até essas regiões seja impossibilitado, o que já vinha acontecendo nos últimos anos e coloca em risco a vida de milhares de pessoas que precisam deste tratamento para sobreviver.

O presidente da ABCDT, Marcos Vieira, ressalta que os pacientes com funcionamento renal comprometido dependem única e exclusivamente das sessões de diálise para sobreviverem. Para ele, os pacientes carentes, residentes de áreas rurais ou sem estrutura, serão os mais afetados pela nova tabela de fretes, uma vez que não possuem renda para buscar tratamento alternativo em outros estados.

"Atualmente mais de 1.000 pacientes em todo o Brasil aguardam pela disponibilidade do tratamento da hemodiálise pelo setor público, devido à falta de financiamento adequado. Com as mudanças da tabela de fretes, a situação tende a piorar. Além de impedir que o tratamento chegue aos hospitais e pacientes, também impede que as pessoas que vivem em áreas distantes tenham acesso à diálise peritoneal, feita em casa, através de uma bolsa que carrega um líquido colocado no abdômen para filtrar o sangue do paciente", explica. Normalmente, as bolsas são levadas diretamente à casa dos pacientes, mas com os problemas de logísticas atuais, somados ao aumento de custos e fretes, a opção passa a ser inviável.

Trajeto de barco – Há três anos Nazaré Rodrigues encara um longo caminho para ter acesso à hemodiálise. Residente de Abaetetuba, no Pará, ela viaja até Belém, a 122 km de distância, para chegar à clínica e realizar o tratamento. São 2h15 no trajeto que exige um barco e dois ônibus. No total, são R$ 40 gastos três vezes na semana, valor que faz falta na família de origem simples, que depende do tratamento no SUS. "Acordo às 5h para iniciar a viagem. É bem cansativo, mas não dá para ficar sem." Quando chega à clínica, encara mais 3h30 de hemodiálise. "Como nem sempre tenho dinheiro para as passagens, acabo tendo que remarcar algumas sessões."

Nazaré tem 30 anos e dois filhos pequenos. Para ela, a rotina como paciente renal não é nada fácil: "Levo muito tempo para ir e voltar da clínica e tenho que deixar meus filhos com alguém. Meu marido trabalha, não pode ficar com eles e nem sempre consegue me acompanhar também. Se não fosse pela minha família, já teria desistido." São 8h dedicadas ao tratamento e ao trajeto para chegar até a clínica, mas Nazaré segue na expectativa para o transplante renal. "Quero muito que dê certo, mas sei que são muitas pessoas na fila. Não é fácil", lamenta.

Segundo Associação Brasileira dos Produtores de Soluções Parenterais (Abrasp), que reúne as quatro empresas fornecedoras dos insumos de diálise no Brasil, hoje, antes mesmo da aprovação da MP do Frete, o envio dos mesmos para regiões mais distantes do país não se paga.

Cenário desfavorável – Na Bahia, o cenário é ainda mais delicado. Recentemente o Governo Federal decidiu fechar as Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados (Fafen), decisão que pode prejudicar a vida de milhares de pacientes com problemas renais. De acordo com a Sindipetro/BA, o fechamento da Fafen causará um forte impacto na empresa Carbonor S.A, situada no Polo Petroquímico de Camaçari, única detentora de tecnologia de produção de bicarbonato de sódio para uso farmacêutico e, em especial, para hemodiálise no Brasil, atendendo também a outros países na América do Sul. A ABCDT se preocupa com o futuro dos pacientes renais e faz um apelo ao Governo Federal, que considere a permanência das fábricas abertas, permitindo que os insumos cheguem até as clínicas baianas.

Sobre a ABCDT – A Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplante é uma entidade de classe que representa as clínicas de diálise de todo o país. A ABCDT tem como principal objetivo zelar pelos direitos e interesses de seus associados, representando-os junto aos órgãos públicos, Ministério da Saúde, Senado Federal, Câmara Federal, Secretarias Estaduais e Municipais. A mesma ainda representa as clínicas em ações judiciais, defendendo seus interesses individuais e coletivos.

O DIÁRIO CARIOCA:

Diário Carioca

Nova tabela de frete pode inviabilizar tratamento renal no país

Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste reúnem 40% dos pacientes brasileiros que precisam do tratamento para sobreviver e devem ficar desabastecidas

Por Redação — 6 minutos atrás em Saúde

0 Ações 8 VIEWS Publique no Facebook Publique no Twitter

Em maio deste ano, o bloqueio das estradas por grevistas colocou em risco a vida de milhares de pacientes renais em tratamento. O mais recente censo da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) indica que mais de 700 clínicas realizam diálise no Brasil. As clínicas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste atendem 40% dos pacientes com doença renal crônica do país. Para abastecê-las semanalmente é necessária complexa logística para garantir o tratamento de mais de 120 mil pessoas portadoras de doença renal, que recebem a medicação de três a seis vezes por semana.

Mesmo após o fim da greve, a possível sanção da medida provisória que regulamenta a tabela mínima de frete pode tornar inviável a distribuição dos medicamentos de diálise. Os insumos necessários para realizar as terapias são de grande volume e, com a nova tabela de frete, o custo de envio para as clínicas passa a ser mais caro que o preço da medicação.

Veja Também

Setembro amarelo: o diálogo que salva milhares de vidas

UNISUAM oferece atendimento psicológico a preços populares

De acordo com Carlos Pinho, diretor executivo da Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplante (ABCDT), a elevação de custos para as unidades de diálise contribuirá somente para a piora da situação das empresas que prestam serviços ao SUS. Tabelado pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos, da Anvisa, o preço médio de um galão de cinco litros de concentrado usado em sessões de hemodiálise é de R$ 10,07, enquanto o valor do frete para municípios de Norte, Nordeste e Centro-Oeste chega a R$ 14.

"A maior preocupação está ligada à menor oferta de tratamento à população. As consequências são muitas. Milhares de brasileiros estão sem acesso à diálise peritoneal – tratamento feito através de cateter flexível no abdômen –, pois os valores pagos às clínicas e às indústrias, com um único aumento em quase 15 anos, estão levando, praticamente, à extinção da terapia."

– Publicidade –

Dos quatro fabricantes de concentrado para hemodiálise existentes no país, três estão no Sul e Sudeste. A distância em relação ao Norte e Nordeste contribui para que o transporte do produto até essas regiões seja impossibilitado, o que já vinha acontecendo nos últimos anos e coloca em risco a vida de milhares de pessoas que precisam deste tratamento para sobreviver.

O presidente da ABCDT, Marcos Vieira, ressalta que os pacientes com funcionamento renal comprometido dependem única e exclusivamente das sessões de diálise para sobreviverem. Para ele, os pacientes carentes, residentes de áreas rurais ou sem estrutura, serão os mais afetados pela nova tabela de fretes, uma vez que não possuem renda para buscar tratamento alternativo em outros estados.

"Atualmente mais de 1.000 pacientes em todo o Brasil aguardam pela disponibilidade do tratamento da hemodiálise pelo setor público, devido à falta de financiamento adequado. Com as mudanças da tabela de fretes, a situação tende a piorar. Além de impedir que o tratamento chegue aos hospitais e pacientes, também impede que as pessoas que vivem em áreas distantes tenham acesso à diálise peritoneal, feita em casa, através de uma bolsa que carrega um líquido colocado no abdômen para filtrar o sangue do paciente", explica. Normalmente, as bolsas são levadas diretamente à casa dos pacientes, mas com os problemas de logísticas atuais, somados ao aumento de custos e fretes, a opção passa a ser inviável.

Trajeto de barco – Há três anos Nazaré Rodrigues encara um longo caminho para ter acesso à hemodiálise. Residente de Abaetetuba, no Pará, ela viaja até Belém, a 122 km de distância, para chegar à clínica e realizar o tratamento. São 2h15 no trajeto que exige um barco e dois ônibus. No total, são R$ 40 gastos três vezes na semana, valor que faz falta na família de origem simples, que depende do tratamento no SUS. "Acordo às 5h para iniciar a viagem. É bem cansativo, mas não dá para ficar sem." Quando chega à clínica, encara mais 3h30 de hemodiálise. "Como nem sempre tenho dinheiro para as passagens, acabo tendo que remarcar algumas sessões."

Tratamento renal pode ficar comprometido em algumas regiões do Brasil

Nazaré tem 30 anos e dois filhos pequenos. Para ela, a rotina como paciente renal não é nada fácil: "Levo muito tempo para ir e voltar da clínica e tenho que deixar meus filhos com alguém. Meu marido trabalha, não pode ficar com eles e nem sempre consegue me acompanhar também. Se não fosse pela minha família, já teria desistido." São 8h dedicadas ao tratamento e ao trajeto para chegar até a clínica, mas Nazaré segue na expectativa para o transplante renal. "Quero muito que dê certo, mas sei que são muitas pessoas na fila. Não é fácil", lamenta.

Segundo Associação Brasileira dos Produtores de Soluções Parenterais (Abrasp), que reúne as quatro empresas fornecedoras dos insumos de diálise no Brasil, hoje, antes mesmo da aprovação da MP do Frete, o envio dos mesmos para regiões mais distantes do país não se paga.

Cenário desfavorável – Na Bahia, o cenário é ainda mais delicado. Recentemente o Governo Federal decidiu fechar as Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados (Fafen), decisão que pode prejudicar a vida de milhares de pacientes com problemas renais. De acordo com a Sindipetro/BA, o fechamento da Fafen causará um forte impacto na empresa Carbonor S.A, situada no Polo Petroquímico de Camaçari, única detentora de tecnologia de produção de bicarbonato de sódio para uso farmacêutico e, em especial, para hemodiálise no Brasil, atendendo também a outros países na América do Sul. A ABCDT se preocupa com o futuro dos pacientes renais e faz um apelo ao Governo Federal, que considere a permanência das fábricas abertas, permitindo que os insumos cheguem até as clínicas baianas.

Tags: Tabela de frete | Tratamento renal

VILHENA NOTÍCIAS:

NOVA TABELA DE FRETE PODE INVIABILIZAR RENAL NO PAÍS

Por **Renato Spagnol** - 14 de setembro de 2018 1290

Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste reúnem 40% dos pacientes brasileiros que precisam do tratamento para sobreviver e devem ficar desabastecidas.

Em maio deste ano, o bloqueio das estradas por grevistas colocou em risco a vida de milhares de pacientes renais em tratamento. O mais recente censo da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) indica que mais de 700 clínicas realizam diálise no Brasil. As clínicas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste atendem 40% dos pacientes com doença renal crônica do país. Para abastecê-las semanalmente é necessária complexa logística para garantir o tratamento de mais de 120 mil pessoas portadoras de doença renal, que recebem a medicação de três a seis vezes por semana.

Mesmo após o fim da greve, a possível sanção da medida provisória que regulamenta a tabela mínima de frete pode tornar inviável a distribuição dos medicamentos de diálise. Os insumos necessários para realizar as terapias são de grande volume e, com a nova tabela de frete, o custo de envio para as clínicas passa a ser mais caro que o preço da medicação.

De acordo com Carlos Pinho, diretor executivo da Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplante (ABCDT), a elevação de custos para as unidades de diálise contribuirá somente para a piora da situação das empresas que prestam serviços ao SUS. Tabelado pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos, da Anvisa, o preço médio de um galão de cinco litros de concentrado usado em sessões de hemodiálise é de R$ 10,07, enquanto o valor do frete para municípios de Norte, Nordeste e Centro-Oeste chega a RS 14.

"A maior preocupação está ligada à menor oferta de tratamento à população. As consequências são muitas. Milhares de brasileiros estão sem acesso à diálise peritoneal – tratamento feito através de cateter flexível no abdômen –, pois os valores pagos às clínicas e às indústrias, com um único aumento em quase 15 anos, estão levando, praticamente, à extinção da terapia."

Dos quatro fabricantes de concentrado para hemodiálise existentes no país, três estão no Sul e Sudeste. A distância em relação ao Norte e Nordeste contribui para que o transporte do produto até essas regiões seja impossibilitado, o que já vinha acontecendo nos últimos anos e coloca em risco a vida de milhares de pessoas que precisam deste tratamento para sobreviver.

O presidente da ABCDT, Marcos Vieira, ressalta que os pacientes com funcionamento renal comprometido dependem única e exclusivamente das sessões de diálise para sobreviverem. Para ele, os pacientes carentes, residentes de áreas rurais ou sem estrutura, serão os mais afetados pela nova tabela de fretes, uma vez que não possuem renda para buscar tratamento alternativo em outros estados.

"Atualmente mais de 1.000 pacientes em todo o Brasil aguardam pela disponibilidade do tratamento da hemodiálise pelo setor público, devido à falta de financiamento adequado. Com as mudanças da tabela de fretes, a situação tende a piorar. Além de impedir que o tratamento chegue aos hospitais e pacientes, também impede que as pessoas que vivem em áreas distantes tenham acesso à diálise peritoneal, feita em casa, através de uma bolsa que carrega um líquido colocado no abdômen para filtrar o sangue do paciente", explica. Normalmente, as bolsas são levadas diretamente à casa dos pacientes, mas com os problemas de logísticas atuais, somados ao aumento de custos e fretes, a opção passa a ser inviável.

Trajeto de barco – Há três anos Nazaré Rodrigues encara um longo caminho para ter acesso à hemodiálise. Residente de Abaetetuba, no Pará, ela viaja até Belém, a 122 km de distância, para chegar à clínica e realizar o tratamento. São 2h15 no trajeto que exige um barco e dois ônibus. No total, são R$ 40 gastos três vezes na semana, valor que faz falta na família de origem simples, que depende do tratamento no SUS. "Acordo às 5h para iniciar a viagem. É bem cansativo, mas não dá para ficar sem." Quando chega à clínica, encara mais 3h30 de hemodiálise. "Como nem sempre tenho dinheiro para as passagens, acabo tendo que remarcar algumas sessões."

Nazaré tem 30 anos e dois filhos pequenos. Para ela, a rotina como paciente renal não é nada fácil: "Levo muito tempo para ir e voltar da clínica e tenho que deixar meus filhos com alguém. Meu marido trabalha, não pode ficar com eles e nem sempre consegue me acompanhar também. Se não fosse pela minha família, já teria desistido." São 8h dedicadas ao tratamento e ao trajeto para chegar até a clínica, mas Nazaré segue na expectativa para o transplante renal. "Quero muito que dê certo, mas sei que são muitas pessoas na fila. Não é fácil", lamenta.

Segundo Associação Brasileira dos Produtores de Soluções Parenterais (Abrasp), que reúne as quatro empresas fornecedoras dos insumos de diálise no Brasil, hoje, antes mesmo da aprovação da MP do Frete, o envio dos mesmos para regiões mais distantes do país não se paga.

Cenário desfavorável – Na Bahia, o cenário é ainda mais delicado. Recentemente o Governo Federal decidiu fechar as Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados (Fafen), decisão que pode prejudicar a vida de milhares de pacientes com problemas renais. De acordo com a Sindipetro/BA, o fechamento da Fafen causará um forte impacto na empresa Carbonor S.A, situada no Polo Petroquímico de Camaçari, única detentora de tecnologia de produção de bicarbonato de sódio para uso farmacêutico e, em especial, para hemodiálise no Brasil, atendendo também a outros países na América do Sul. A ABCDT se preocupa com o futuro dos pacientes renais e faz um apelo ao Governo Federal, que considere a permanência das fábricas abertas, permitindo que os insumos cheguem até as clínicas baianas.